

SOCIOLOGIA E COTIDIANO: O DIZER DAS IMAGENS

Eduarda de Lima Andrade

Escrito a pouco menos de um ano, *Sociologia da Fotografia e da Imagem* é um livro de peso para os estudos de Sociologia e Antropologia da imagem. Nele, José de Souza Martins reúne estudos teóricos e práticos sobre a utilização da imagem no campo das ciências sociais.

O livro é dividido em introdução, seis capítulos e anexo, que vão desde uma teoria da imagem, análise de imagem até ensaios fotográficos.

Em *Sociologia da Fotografia e da Imagem*, José de Souza Martins propõe que a fotografia e a imagem possam ser utilizadas, tanto pela Sociologia quanto pela Antropologia, como material de análise da realidade social. Propõe também que a imagem tenha a mesma seriedade que a escrita e a fala têm para os estudos sociais. A imagem é material rico em dados sociais. Assim, afirma o autor “[...] os usos da imagem, mesmo a fotografia, se expandem não como mero instrumento supletivo da linguagem falada ou escrita, mas como discurso visual dotado de vida e legalidade próprias” (p. 31).

Para o autor, o campo de investigação sobre a imagem enriquece o conhecimento produzido pela Sociologia e Antropologia e alarga a consciência da limitação das técnicas de investigação por parte dessas ciências, produzindo não só material para a compreensão da sociedade como também reflexão a respeito dos métodos e técnicas utilizados por estas.

O autor compara a análise da fotografia como realidade social em termos absolutos de igual forma que deve ser a análise de documentos, entrevistas e quaisquer outros campos de investigação sociologia e antropológica, ou seja, envolve as mesmas dificuldades que têm os outros métodos de investigação.

Da mesma maneira que o pesquisador altera o ambiente de pesquisa, o fotógrafo modifica o fotografável: tanto a paisagem que é delimitada pelas lentes, quanto as poses (maquiagem, vestuário ...) são transformações do ambiente social. Porém, o autor chama nossa atenção para fato de essas modificações serem um manancial de referências sociológicas e antropológicas (auto-imagem, identidade, códigos culturais, entre outros).

Ao fazer alusão aos olhares interditados (superstições, mau-olhado, olhares invasivos e perigosos), o livro aponta para a necessidade e sensibilidade do cientista social de perceber os códigos culturais que as imagens nos mostra, e mesmo para os que estão, nos primeiros golpes de vista, invisíveis. O que primeiro deve ser levado em conta ao se analisar sócio-antropológicamente a fotografia é apreender e dominar os “códigos de visualidade” daquilo que está na imagem. Só a partir daí é que podem ser obtidas as informações para a análise e entendimento da realidade

Eduarda de Lima Andrade é Socióloga (UFRN), ex-bolsista PIBIC-CNPq, com estudos na área de Antropologia Visual.

E-mail: eduardafotografia@yahoo.com.br

social da qual a fotografia expressa.

José de Souza Martins cita o exemplo dos estudos feitos nas comunidades camponesas e tradicionais com o intuito de nos mostrar para que e de que realmente devem ser feitos os estudos da imagem: sociologia do “homem comum”. Assim, nos afirma, o conhecimento adquirido através da análise das imagens do homem comum “é o que engloba e situa o visual e, sobretudo, a fotografia no âmbito propriamente social”. Portanto, é no cotidiano desse homem comum (nas imagens por ele produzidas) que deve se concentrar o cientista social. Esse indivíduo comum, do cotidiano, usa a fotografia como “instrumento de auto-identificação e de conhecimento da sociedade em que vive”. O papel da Sociologia e Antropologia da imagem é o de interpretar criticamente essas imagens, ou como salienta o autor, interpretar a interpretação que o sujeito comum faz da realidade através das imagens.

Outro exemplo da utilização da fotografia para os estudos da realidade social, José de Souza Martins cita um estudo sobre a diferença da imagem produzida na Itália e na Holanda na época da Renascença. Mostra que o que devemos perceber, através de um estudo comparativo, são códigos culturais expostos nas imagens, o que elas representam não são “puras” imagens de representações de um modo de ser de cada sociedade, e é aí que a Sociologia e Antropologia devem atuar: na busca de dados contido em cada imagem para que possa, assim, compreender e interpretar a sociedade.

A fotografia, para os antropólogos e sociólogos da imagem, é mais que um documento de ilustração da realidade, ela é instrumento de pesquisa. “Ela é constitutiva da realidade contemporânea e nesse sentido, é, de certo modo, objeto e também sujeito (p. 23)”. O autor indica que a fotografia antecipa a pessoa nas relações sociais e mesmo até nas “inovações imaginárias”. “A fotografia é uma das grandes expressões da desumanização do homem contemporâneo, sobretudo, porque permitiu a separação cotidiana da pessoa em relação à sua imagem” (p. 23).

No primeiro capítulo, o autor aponta para o uso que as ciências sociais fazem da fotografia e não a reduz a mero recurso objetivo.

O uso da fotografia nas Ciências Sociais não se limita ao mero recurso objetivo. A fotografia antes mesmo de ser objeto de estudos sociais já era própria representação social, utilizada pelo senso comum para expressar a realidade.

A Sociologia, consolidada em bases positivistas da objetividade, precisou rever seus conceitos. Como pensar a sociedade em meio a tantas transformações a partir da visão de estrutura social rígida? A Sociologia abre-se para uma nova forma para a compreensão da sociedade, “uma sociologia da subjetividade”. Foi a partir dessa nova idéia de sociedade, que acabara de sentir os impactos da II Guerra Mundial, e que seria impossível pensar em uma ordem social determinada, que coordena em vista da ordem, que a vida cotidiana, fragmentada e incerta tornou-se centro das pesquisas feitas pelos cientistas sociais. “Conhecer o conhecimento de senso comum como conhecimento pré-sociológico negociado e pré-ordenador das relações sociais inscreve-se na Sociologia contemporânea de modo explícito, como modo de fazer do sujeito o autor e protagonista do imaginário social e das ordenações sociais” (p. 35).

Segundo José de Souza Martins, o que esta Sociologia traz em si é o que ele chama de descrição intensamente visual, pois, ao descrever a realidade social da vida cotidiana, a “Sociologia passou a usar orientações e procedimentos que, na verdade,

são fotográficos (p.35)”. Embora a fotografia não esteja isenta de fazer um recorte tendencioso da realidade, o que faz com que a imagem possa ser utilizada como material para a pesquisa é a própria reflexão que os sociólogos e antropólogos fazem sobre sua utilização como documento. Essa reflexão depura as possíveis unilateralidades na apreensão do real. Só com esse trabalho reflexivo, crítico, é que a Sociologia e a Antropologia podem utilizar a fotografia como objeto seguro para a análise.

A fotografia é um ponto importante de análise da sociedade, porém, não o único. O elo que o autor faz entre fotografia e a vida cotidiana se encontra na medida em que a própria fotografia é “representação social e memória do fragmento” da vida cotidiana. Essa fragmentação da sociedade é a própria sociedade contemporânea.

O segundo capítulo, mais analítico, retoma a discussão do capítulo anterior com ênfase à importância que tem a fotografia ao imaginário social. O crucial da fotografia está no que de imaginário social ela possa representar. Este é o ponto capital para uma Sociologia e Antropologia da fotografia (Visual). O cerne deste capítulo é a análise feita a dezessete fotografias com a temática da fé. É a partir dessas imagens de expressão de fé que o autor nos descreve como deve ser feitas as análises das fotografias do cotidiano. A Sociologia e Antropologia Visual têm que se dedicar a pensar através da imagem cotidiana, das leituras que os seres humanos comuns fazem dela; suas lembranças, aspirações, fé.

No terceiro capítulo, Martins narra suas impressões sobre a exposição Êxodo do Sebastião Salgado.

O quarto capítulo é um ensaio fotográfico sobre o complexo penitenciário do Carandiru. Com vinte cinco fotografias e três poemas, o capítulo compõe outro olhar sobre o presídio. Um lugar sem ninguém, de pessoas indo embora (como demonstra a primeira fotografia). As fotografias e os poemas do ensaio participam do mesmo campo semântico: da ausência, do que foi habitado, mas não é mais. As imagens representam aquilo que fez parte do cotidiano do presidiário, das suas formas de sobrevivência, imagens de algo que já não tem mais função. As imagens mesclam a todo tempo a presença e a ausência. Presença através dos objetos deixados, como se tivesse existido vida ali há pouco. E a ausência das pessoas, indo embora para nunca mais voltar.

No quinto capítulo, José de Souza Martins faz uma breve e importante apresentação da vida e da obra do Mestre Vitalino. De como o Mestre Vitalino representa uma concepção de Nordeste que coadunava com a concepção que a “nova classe média” (Revolução de 30) pensava. “As esculturas de Mestre Vitalino não retratam o sertão, o que do sertão pensam o urbanos, a nova classe média que procura se destacar do rural e do rústico e que faz aparentemente ironizando o sertanejo, mas de fato ironizando a nova realidade social urbana que não compreende. (p. 142)”. Para o autor, a grandeza do mestre Vilanilo foi a de ser contraditório. Se por um lado suas cerâmicas eram reprodução de um Nordeste pobre, seco, rural, por outro elas dizem mais que meras reproduções daquilo que as elites imaginavam de um nordeste caricatural, os seus personagens representavam um ethos do homem simples. Mestre Vitalino “foi artesão e, ao mesmo tempo, símbolo da arte popular brasileira. (p.140)”.

O capítulo sexto intitulado “O impressionismo na fotografia e a Sociologia da imagem” se desenvolve com a ideia de que as imagens não devem se restringir ao

registro factual da realidade, assim, a fotografia tem, como cita o autor, um “ver a mais”, fazendo com que ela não se limite aos muros da imagem como documento da realidade. “A polissemia da fotografia não decorre apenas das múltiplas leituras que dela possam ser feitas. O próprio objeto tem uma carga de sobre-significado que a intenção documental do fotógrafo pode anular ou mutilar” (p. 169).

José de Souza Martins critica também a visão positivista que busca a precisão, a relação direta da imagem com o “real”, e que não leva em consideração o artístico da imagem, e em específico a fotografia, tomando-a apenas pelos canais da informação social. “De certo modo, as ciências sociais que incorporaram a fotografia ao âmbito dos seus interesses não se propuseram à superação desse caráter residual da imagem do que para elas é apenas objeto documentado, sobretudo a imagem fotográfica”. Esse tipo de abordagem utiliza a imagem como “complemento do questionário, do formulário, da entrevista ou do diário de campo” (p. 154).

Para o autor, as imagens voam muito mais longe. Ao tecer análise de imagens impressionistas, ele nos mostra as possibilidades de pensar além do que elas possam aparentemente mostrar. “Sociólogos e antropólogos precisam de muito mais do que uma foto para compreender o que uma foto contém” (p. 174). As imagens são um manancial de informações que não se limitam ao “servir para” de que estão acostumados alguns cientistas sociais ávidos por registrar tudo.

Em geral o anexo de um livro não tem muito expressividade quando se pensa no livro como um todo. Fica ali no final do livro, no limbo, quase passa despercebido, salvo aqueles muito curiosos que passam a vista sobre ele apenas para tirarem alguma eventual dúvida. Isso é em geral, mas o livro *Sociologia da Fotografia e da Imagem* do José de Souza Martins foge a regra. O anexo é uma fonte rica de informações sócio-antropológicas. Sendo assim, parece estranho a existência desse anexo. A pergunta fica: por que as imagens, tão ricas em informações para a compreensão do cotidiano, em um livro que propõe utilizar as imagens como objeto de estudo, estão postas no anexo? Salvo o capítulo quatro, que é um ensaio fotográfico, o livro não apresenta mais nenhuma imagem. As imagens precisam dizer algo e para isso elas têm que está inseridas dentro do corpo do livro como estão as palavras. Como se pode pensar através de imagens se elas não aparecem? À parte disso, *Sociologia da Fotografia e da Imagem* é um livro que nos mostra os caminhos e as possibilidades de se utilizar a fotografia para pensar a realidade social através das imagens.